

29-10-2021

MEU NOME É... PAGU

Gyslaine Daureu Weltz

[Estudante de Literatura]

Já fui Patricia Rehder Galvão; fui Zazá; já fui Patsy; já fui Mara Lobo; fui Solange Sohl; fui Léonie; fui também Ariel; fui King Shelter; mas acabei mesmo como Pagú. Nos meus 52 anos entre 1910 e 1962, tive uma vida bem agitada.

Talvez porque *A satisfação intelectual não me basta... a ação me faz falta!* Tanto que tive até que forjar um casamento pra honrar a ação que minha família impedia..



<https://admiralbrasil.files.wordpress.com/2016/05/abr4-4-pagu.jpg?w=636>

Fui a primeira presa política do Brasil só porque estimei uma greve de estivadores no Porto de Santos. Aliás foi na estrada de Santos que indo para a lua de mel com meu marido forjado mudei de carro e mudei para o noivo Oswald de Andrade no meio da estrada. A cidade de Santos, aliás, é tão importante na minha vida que tem lá um Centro Cultural com meu (primeiro) nome. Depois fui presa 23 vezes, menos por ter sido comunista e mais por ter sido mulher divergente. Esse crime, o crime sagrado de ser divergente, nós o cometeremos sempre. Menos por ser comunista, pois como escrevi num cartão postal desde Moscou, em algum momento da minha vida: *Gente pobre nas ruas ... que luxo para os burocratas...* Por isso fui jornalista, desenhista e, mesmo que me rotulem de feminista, acho que sou mais feminina e mulher divergente do que qualquer outro rótulo.

É uma necessidade conversar com os poetas. E se os poetas morrerem, procurarei os mortos, as flores do mal que estão na minha estante. E existe também a poesia no ar, a vaga música imune aos gases mortíferos, invulnerável aos bombardeios.



O Homem do Povo. São Paulo, 28 de março de 1931, n. 02, p.01

<https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcT-TNTdH-T8Gf8kG3H1WLUdGtCP3HIEV8DKA&usqp=CAU>

Lembro minha submissão absoluta. Não ao homem. Ao amor.

Tenho várias cicatrizes, mas estou viva. Abram a janela. Desabotoem minha blusa. Eu quero respirar.

...O mixigne é um homem que se equilibra no ar, desobediente à gravitação, ao dicionário, que consegue esmagar a relatividade das coisas e dominar todas as perspectivas de uma só vez. É o que nos deixa com as palavras quando a nossa vaidade procura convencer, é o que sorri quando há tristeza, e troca os sapatos com o primeiro defunto. O mixigne conversa apenas com o candidato suicida, lê jornais velhos e livros que não existem. Apanha flores nos jardins suspensos das lendas e conta histórias às crianças. E no meio das luzes de uma cidade nascente, desconhecendo o trânsito, os apitos, as buzinas, posta-se no meio dos trilhos para falar às estrelas. ...

Lê nos meus olhos todos os consentimentos. Mata tua sede na pedra que se fez fonte. E te encanta com a paisagem contraditória do meu ser.

ALGURES

Algures é um lugarzinho lúgubre onde ardem céus e terra, onde existem cheiros e destroços, onde moram, em casas soterradas e ruínas, a palidez, a fadiga, o entusiasmo, a vingança. O céu de Algures é um céu de fogo e a terra está doente. Às vezes, um rio vermelho é cruzado por embarcações fantasmas, por barcos de mortos e feridos, com mulheres queimadas e crianças transformadas em carvão.

Às vezes Algures é branco, frio e silencioso. Os estudantes de geografia nunca ouviram falar nesta pequenina terra que se chama Algures. Nem os geógrafos ou os cartógrafos mais consagrados souberam da existência desta terra de fumaça descoberta pela guerra de nossos dias.

Mas, hoje, mesmo as crianças já conhecem Algures. Sabem que na devastação noturna vultos negros se movimentam na direção das tragédias. E sabem que, à luz do sol, única neutralidade que se sobrepõe a todas as circunstâncias, os corpos em catálise apresentam ostensivamente o seu fenômeno. Massas de carne viva, buquês de cabeças na primeira infância, olhos perfurados e monstros sem braços e sem pés.

Corações pálidos, respiração venenosa, ruas e subúrbios soturnos. Às vezes a planície atacada de calor emite sons desconhecidos e os passarinhos se escondem dos homens. Uma criança corajosa aparece, numa nega de luz, batendo mãozinhas à feerie da morte. Possui olhos de poeta e gosta das ondas do mar. Não sabe que o mar é vermelho e está morto.

Segura, como a um bichinho, aperta, nas mãos, os cerebros dos que morrem. Depois dorme amamentada de sangue, a cabeça nos lírios ridentes, o corpo estendido na poeira que o envolverá dentro de alguns minutos. Bate ainda o coração da cidade devastada. Batem as tábuas e as farpas queimadas.

Os subterrâneos se enchem de farrapos, crianças, mulheres, comandantes. Num barracão desmoronado, um padreiro coloca pães no forno, habituado à nova sinfonia.

De Algures, alguém telegrafa para o mundo pedindo atenção.

Algumas fontes:

<https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcT-TNTdH-T8Gf8kG3H1WLUdGtCP3HIEV8DKA&usqp=CAU/>
<https://www.pensador.com/autor/pagu/> / <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pagu> / <https://www.youtube.com/watch?v=X9EJttdhY>
<https://www.youtube.com/watch?v=gSLFub8dJg> / <https://traduagindo.com/2020/08/31/patricia-galvao-pagu-e-as-eticas-de-ariel/>
<https://www.youtube.com/watch?v=7p3AAw0RQ4>

Nota do Editor: A autora, Gyslaine Weltz, ao falar da poesia brasileira, como ela mesma diz, mergulha na essência do/as, autore/as, exerce uma alteridade psico-arqueológica, transmuta-se nele/as...

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.